

AMÉLIA: A Cena Teatral do Cariri Cearense em Conexão com a Dramaturgia Cômica Brasileira do Século XIX

João Dantas Filho¹

O projeto de pesquisa intitulado *AMÉLIA: A Cena Teatral do Cariri Cearense em Conexão com a Dramaturgia Cômica Brasileira do Século XIX*, está sendo desenvolvido pelo Laboratório Teatral Cômico – LATECO - coordenado pelo professor Dr. João Dantas Filho, líder do Grupo de Pesquisa Dramaturgia e Encenação. No texto original da comédia de França Júnior, *Dois Proveitos em um Saco*, atualmente cognominado de *Amélia*, o autor traz à cena quatro personagens: Luís Teixeira, um marido que deixa sua esposa no seu chalé, na Chapada do Araripe, enquanto vai passear na cidade usando como desculpa uma viagem de trabalho. Amélia, que por sua vez, deseja sair da Chapada, um lugar frio e tedioso, mas para isso, precisa vencer a aposta feita com o marido. Enquanto isso, Catarina, a diarista, só quer saber de namoro. Nenhuma das personagens estava preparada para a visita surpresa de Boaventura, um legítimo *bon-vivant* que caindo de “paraquedas” naquela casa, promete mexer com o sossego da vida de todas as personagens. A dona da casa, Amélia, que não é boba, aproveita-se da situação para enganar esses dois homens, o marido e o visitante, ditos tão espertos. Ela vence a aposta feita com seu esposo e livra-se de uma vez por todas do chato hóspede indesejado, provando com muito humor a astúcia feminina. Na cena 01, Amélia fala para Catarina sobre uma aposta que fez com o marido: “*J’y pense* é um jogo em que as mulheres ganham sempre e os homens perdem.” Em seguida, Catarina lhe pergunta como funciona esse jogo. Amélia responde: “Da seguinte maneira: logo que Teixeira encontrar comigo, se ao receber um objeto qualquer de minhas mãos e não disser imediatamente *J’y pense*, terá de pagar uma prenda e o mesmo acontecerá comigo em situações semelhantes. Na cena VI, após à chegada do marido que estava na cidade, Amélia ganha o jogo. Vejamos como ela se pronuncia em sua última fala da peça, se referindo a um livro que estava sendo lido por Boaventura, o inesperado visitante: “(Rindo) Ah! Ah! Ah! Esqueceu o livro, ele me disse há pouco que neste livrinho encontram-se todos os recursos para uma mulher enganar um homem. Falta acrescentar a informação de que eu, Amélia Teixeira, uma única mulher, conseguiu enganar não só um e sim dois homens. (Rindo) Ah! Ah! Ah! Finalmente, em breve estarei de volta à morar na cidade. Boa viagem Amélia!” Podemos perceber que as relações envolvendo homens e mulheres estão presentes no texto teatral *Amélia*, o que nos leva aos estudos de gênero, uma proposta complexa, que mexe com padrões dominadores estabelecidos por discursos autoritários há séculos, e que ainda perpassam as mais variadas barreiras envolvendo costumes, cultura e sociedade. É bom lembrar que, a ideia de *direitos iguais à cidadania*, mobilizou principalmente as feministas europeias e americanas. Nas décadas de 1920 e 1930, as mulheres conseguiram um avanço no direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação, vindo a culminar após o final da década de 1960. Para aquelas pessoas que viam os estudos femininos centrados sobre as mulheres e de maneira separada, o termo gênero designava uma noção relacional em nosso vocabulário de análise, em que as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos sem nenhuma compreensão, obtida por estudos separados. A partir de meados da década de 70, o conceito de gênero foi

¹ Doutor em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor/pesquisador do Curso de Licenciatura em Teatro, lotado no Departamento de Teatro do Centro de Artes Reitora Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato – CE. joao.dantas@urca.br

sendo difundindo rapidamente. Em 1975, Natalie Davis defendia a ideia de ampliar um olhar para além dos diferentes papéis sexuais, em que os interesses fossem também voltados para a história de homens e mulheres: “Penso que nós deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos trabalhar somente sobre o sexo oprimido, [...]” (SCOTT, 1990, p. 5). Diante do acima exposto, notamos que na década de setenta os estudos sobre gênero ultrapassavam sua esfera embrionária rumo a uma trajetória evolutiva. “O gênero é então um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”. (SCOTT, 1990, p. 16). Também podemos observar esta definição, segundo Scott: “O termo gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens.” (SCOTT, 1990, p. 13). Nota-se que o gênero é composto por um amplo campo de definição, fortalecendo a desconstrução das teorias desfavoráveis existentes em instruir as diferenças entre mulheres e homens. Desta forma, mesmo diante da evolução em alguns setores, essas diferenças ainda permeiam muitos países do mundo, em alguns deles, impulsionadas pelas religiões e seus conceitos institucionais machistas e controladores. Vale lembrar que, no final do século XVIII e início do século XIX, surgiu o conceito de estética, o que incluiria a literatura, isso acabou por elevar a classe dominante, reproduzindo seus valores no âmbito de uma cultura limitada, branca, masculina, burguesa, ocidental e que incluía poucas mulheres escritoras. Não obstante, acabou servindo para repercutir em torno da questão da exclusão social em relação às artes e à literatura. Esse momento, marca a importância da discussão que formou estratégias utilizadas em favor dos objetivos feministas, voltados para questões direcionadas aos posicionamentos políticos. No que concerne a literatura dramática, muitos são os dramaturgos ocidentais criadores de personagens masculinos que se retratam de acordo com as suas relações sociais de poder. Neste contexto, é importante frisar que, na tragédia grega, apesar da presença da hegemonia masculina, essa supremacia só ganha força a partir das suas relações com outras personagens, principalmente as femininas. Eurípides (480 a.C. - 406 a.C.), por exemplo, nos aponta caminhos para que possamos reverenciar as mulheres que se destacam na sua dramaturgia como trágicas, são verdadeiras heroínas: *Alceste*, *Medéia*, *Electra*, *Andrômaca*, *As Bacantes*. Essas são personagens fortes, vingativas, amorosas, mas acima de tudo humanas. Do mesmo lado, na Comédia grega, também encontramos personagens femininas, como fator fundamental na sátira com o masculino. Aristófanes (448 a.C - 380 a. C) nos apresenta, por exemplo, *Lisístrata*, uma comédia protagonizada por uma personagem feminina com o mesmo nome, que acaba evidenciando a resistência das mulheres nas suas relações com as personagens masculinas presentes na trama. No Brasil, ao longo da sua história, a exclusão da mulher retrata o poderio da cultura patriarcal, marcada pelo absolutismo masculino e pela submissão da mulher. Na literatura dramática do século XIX, por exemplo, autores consagrados da comédia brasileira como, Martins Pena (1815/1848), França Júnior (1838/1890) e Arthur Azevedo (1855/1908), continuam sendo verdadeiros ícones da dramaturgia brasileira. Por outro lado, poucas foram as mulheres que se destacaram nessa época, elas eram vistas como seres inferiores, donas de uma produção artística secundária, perante os valores políticos, sociais e econômicos que privilegiavam aquele momento, o que reforçava o distanciamento da mulher, tanto na esfera social, como nas decisões políticas do país. Um desses comediógrafos, França Júnior, deu vez e voz à mulher através da personagem Amélia, em uma das suas comédias: *Dois proveitos em um saco*. Esse texto encontra-se adaptado e cognominada de *Amélia*, com uma proposta de encenação iniciada no mês de dezembro de 2018 pelo professor João Dantas, a partir do

processo de adaptação textual. Para isso, a ação foi transportada de Petrópolis² - RJ, no século XIX, para a Chapada do Araripe³ - CE, contemporânea. É bom lembrar que, França Júnior foi considerado pelos historiadores como o segundo mais importante comediógrafo, bem como o principal seguidor de Martins Pena, o que o tornou, cronologicamente, o segundo mais importante autor do teatro cômico brasileiro do século XIX. Escreveu para o palco comédias de costumes, que satirizavam e debochavam da sociedade em consonância com as questões de ordem política da época. A obra cômica de França Júnior alcançou grande sucesso de público e crítica. Ele é o patrono da cadeira de número 12 da Academia Brasileira de Letras. Entre seus textos cômicos teatrais destacamos: *A República Modelo* (1861), *Meia Hora de Cinismo* (1862), *Amor com Amor se Paga* (1870), *O Tipo Brasileiro* (1882), *Como se Fazia um Deputado* (1882), *Maldita Parentela* (1887), *Os Candidatos* (1889) e *Dois Proveitos em Um Saco* (1873), sendo este último nosso instrumento de estudo, como já foi mencionado, cognominado de *Amélia*. No livro *O Teatro no Brasil*, o autor J. Galante de Sousa relata sobre o teatro de França Júnior dizendo: “Seu teatro fica, em flagrantes de sadio humorismo, os hábitos, os tipos, as fraquezas e os aspectos, às vezes extravagantes, da nossa sociedade. É um frio observador dos nossos costumes, e disso deu mostras, ao lado do teatro, [...]” (SOUSA, 1968, p. 228). De outro lado, nesta primeira década do século XXI, nota-se que o estado do Ceará é cada vez mais crescente nas atividades culturais em suas especificidades. Da capital Fortaleza a região do Cariri, encontramos o teatro em suas características diversas envolvendo os gêneros trágico, cômico, farsesco, etc. O pesquisador cearense Fernando Lira Ximenes, em seu livro *O Ator Risível* nos diz: “Os personagens cômicos estão em todas as partes. No fundo todos nós somos um tipo cômico, [...]. Para aparecer cômico, é preciso que o exagero nos tipos não pareça ser o objetivo, mas um simples meio de que se vale o cômico [...].” (XIMENES, 2010, p. 51). Há de se perceber que o Ceará é um estado brasileiro marcado pelo riso, parte dessa produção cômica se fortalece a partir da popularidade dos seus filhos ilustres que representam essa característica possuída por esse Estado e pelo seu povo risonho. Tudo isso nos engrandece e, ao mesmo tempo, nos leva a refletir que é importante rir já que podemos ser felizes. Para o humorista e dramaturgo Millôr Fernandes, “O homem é o único animal que ri e é rindo que ele mostra o animal que realmente é.”⁴ Tendo em vista esses pormenores podemos dizer que a cena teatral do Ceará, se fortalece na medida que sua comicidade é tida como inerente ao povo cearense. Henri Bergson, em seu livro, *O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade*, nos diz: “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”. (BERGSON, 2001, p. 2). A encenação de *Amélia* está sendo precedida por um treinamento psicofísico com os atores e atrizes, envolvendo os estudos teatrais de Constantin Stanislávski, Michael Chekhov e Antonin Artaud. É importante ressaltar que, a referida encenação será composta por seis cenas, após a finalização da montagem dessas cenas, as mesmas serão “afinadas”, ou seja, serão devidamente “lapidadas”, de modo a receber seus devidos ajustes. Nesse processo de “ajustamento cênico”, serão inseridos figurinos, adereços e as concepções de sonoplastia e iluminação. Além do professor João Dantas, que assume a direção da peça, quatro estudantes e uma colaboradora fazem parte desse projeto de encenação: Aleff Alves,

²Município localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no estado do Rio de Janeiro, também conhecido como Cidade Imperial. É a maior e mais populosa cidade da Região Serrana Fluminense, com altitude de 838. O clima é o tropical de altitude, com 838 metros acima do nível do mar, com verões úmidos e quentes e invernos secos e relativamente frios, ou seja, possui o clima ameno. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Petr%C3%B3polis> – Acesso em: 15 Abril 2019.

³A Chapada do Araripe é uma formação do relevo e sítio paleontológico localizado na divisa dos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco, no Brasil, com altitude máxima de 1004 metros. A chapada abriga uma floresta nacional (1946), uma área de proteção ambiental (1997) e um geoparque (2006). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chapada_do_Araripe - Acesso em: 15 Abril 2019.

⁴ Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NDI1OTky/>> Acesso em 11 Dez/2017.

Natanielle Lima, Bruno Tavares, Renato Érikles e Maria Teresa Melo, respectivamente. A encenação contará com uma equipe envolvendo diretor, atores e técnicos, formada em sua maioria por estudantes e professores do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri - URCA. Portanto, é de grande interesse contar ao público do Cariri cearense e de outros estados brasileiros, através de uma encenação teatral, uma história contada pelo comediógrafo França Júnior, na Petrópolis - RJ do século XIX, com o mesmo “teor” cômico na Chapada do Araripe - CE do século XXI. Além disso, é importante investigar de que maneira se constroem as representações sociais, envolvendo mulheres e homens através do fazer teatral. Com essa nossa pesquisa, pretendemos contribuir com o desenvolvimento de outros estudos e investigações relacionadas a História do Teatro Cômico Brasileiro e do Ceará, especificamente do Cariri Cearense, como também no âmbito do Centro de Artes da URCA, além de outras conexões com grupos de estudos e pesquisadores da nossa Universidade e de outras instituições educacionais.

Palavras-chave: Teatro de França Júnior. Comédia de costumes. Teatro do século XIX, Teatro cearense.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e Seu Duplo**. Martins Fontes, 1999;

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a Significação da Comichidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

FERNANDES, Millôr. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NDI1OTky/>> Acesso em 11 Dez 2017.

FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José de. 1838-1890. **Teatro de França Júnior I**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação Nacional de Artes, 1980.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, vol. 16 nº 2, jul-dez/1990.

SOUSA, J. Galante de. **O Teatro no Brasil**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A, 1968.

STANISLÁVSKI, Constantin. **A Preparação do Ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

XIMENES, Fernando Lira. **O Ator Risível: Procedimentos para as cenas cômicas**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.